

REVISTA COLAB AU.1

NEGACÃO
DA FORMA

REVISTA COLAB AU
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PRIMEIRO SEMESTRE DE 2019 | ISSN 2674-8924
CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA

FOTO DE CAPA: LAIS DE GODOY CAYRES LOPES

EXPEDIENTE

A Revista COLAB.au é:

Carolina Guida Cardoso do Carmo
(Professora)

Thales Augusto Filipini Righi
(Coordenador)

Equipe EMAU 2019.1

Ayalla Cristini Buzzio de Souza

Bárbara Marques da Costa Oliveira

Giovana Bassi

Ingrid Suellen de Oliveira Dantas

Mário Augusto Moreira de Paula

Mileide Frota de Oliveira

Natália Petcov

Rafael Fernandes de Azevedo

CORPO EDITORIAL

Thales Augusto Filipini Righi

EQUIPE DE COLABORAÇÃO

Ayalla Cristini Buzzio de Souza,
Giovana Bassi, Ingrid Suellen
de Oliveira Dantas, Mário
Augusto Moreira de Paula,
Mayara Francelin Garcia,
Mileide Frota de Oliveira,
Natália Petcov, Rafael
Fernandes de Azevedo,
Bárbara Marques da Costa
Oliveira

PROJETO GRÁFICO EMAU 2019.1

AUTORES E AUTORAS DESTA EDIÇÃO

Carolina Maria Bergamini Lima,
Mayara Francelin Garcia,
Lais de Godoy Cayres Lopes,
Janayna Priscilla Guimarães,
Pedro Debiazi,
Amanda Ferreira Pellicieri,
Anelise Prado, Alex Dias,
Cristiano Vitturi, Pedro Bicudo,
Thalita Gita, Pamela Oliveira,
Caio Pereira, Amanda Testa,
Amanda Costa, Fernanda
Vicentin, Gabriella Rezende,
Jéssica Brito,
Mariana Souza, Adriane Magno,
Andreia Melo, Barbara
Guilherme, Bruna Alegre,
Patricia Brasci, Mário de Paula,
Alexssandro Santos, Ana Luiza,
Cypriano, Bruno Bueno, Julia
Rodrigues, Rafael Padovan,
Thainá Fredo

FALE COM A GENTE!



E-MAIL

anchietaemau@gmail.com



FACEBOOK

Arquitetura e Urbanismo Unianchieta



INSTAGRAM

@emauanchieta

EDITOR INSTITUCIONAL

CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA

Revista COLAB.AU | n.1
primeiro semestre de 2019
ISSN 2674-8924

OLÁ LEITOR!

Trabalhamos, ao longo do semestre, para construir esse material que, com muito orgulho, disponibilizamos à comunidade.

Queremos que essa revista seja o início da construção de um marco no nosso curso de Arquitetura e Urbanismo, onde possamos nos enxergar e construir um espaço onde nossa linguagem e nossas formas de representação do mundo sejam enaltecidas e apreciadas.

Também esperamos que a mesma funcione como plataforma de divulgação dos trabalhos elaborados e valorização de cada uma das etapas vencidas e aprendizados adquiridos e que vocês, alunos, se sintam tão representados pela mesma como nós nos sentimos!

Boa leitura e aproveitem!

EMAU 2019.1

INDEX



flying tiger Care to oriente

16



tiger gen tiger gen



CAPA

POÉTICA DA COLAGEM.....PG.06

DISCENTE

PARKLET SÃO BENTO.....PG.12

CENTRO MEIA LUA.....PG.16

COMPLEXO CULTURAL GUINOS.....PG.22

REFLEXÃO

UM LUGAR QUE SE ANDA OLHANDO PARA O CHÃO.....PG.26

CIENTÍFICO

ANÁLISE DE HIS NO MUNICÍPIO DE JUNDIAI.....PG.32

CORES NO AMBIENTE.....PG.40

ROLOU

O SEMESTRE DO EMAU.....PG.44

NEGAÇÃO DA FORMA

"[...] uma crítica ao corpo e aos padrões de beleza, uma vez que não conseguimos definir o que é forma, mas quando definimos, a negamos." - Lais de Godoy Cayres Lopes (autora)

NEGAÇÃO DA FORMA

POÉTICA DA COLAGEM

"A palavra collage engloba vários conceitos em função de sua trajetória nos movimentos artísticos, de suas formas de expressão e dos seus aspectos semióticos e lingüísticos. Apesar do termo ter surgido em 1918 com Max Ernst a collage possui longa trajetória na cultura popular de manipulação de imagens, vinda desde o século XII com os calígrafos japoneses; porém, foi somente no século XX, com as vanguardas artísticas do primeiro período - Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo - que a collage deixou de ser produto da arte manual popular e passou a ser um novo meio de expressão, cujo objetivo esteve centrado na separação e na articulação do significado dos objetos e imagens.

Até Max Ernst, os materiais colados sobre a superfície do quadro tinham a intenção de substituir a pintura mimética, de modo que selos de cartas, jornais, caixas de fósforo tinham valor de experimento capaz de controlar a realidade pictórica. Com Max Ernst, a collage se transformou em procedimento poético, e suas possibilidades foram ampliadas, tornando-se um processo de linguagem que independe da cola como material, onde elementos de essência diferente, ao serem justapostos, proporcionam uma alquimia nas imagens visuais" (SANTINI, 2007, PG. 73).

Aqui, apresentamos os trabalhos desenvolvidos pela aluna e artista Lais de Godoy Cayres Lopes, assim como de diversos grupos de discentes que desenvolveram, utilizando a técnica, trabalhos de reflexão na disciplina de Paisagismo, no segundo semestre de 2018.

Referência: SANTINI, Giovanna. VILA DO CHOCOLATÃO - Encontros da Collage na Arquitetura. Orientador: Fuao, Fernando Delfino de Freitas. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura. 2007.

EXTENSÃO DA DEMARCAÇÃO

CAPA

"Essa colagem faz crítica ao mundo urbano atual, tendo diversos elementos em uma relação intrínseca, como a alienação, liberdade, voz ativa e demarcação e divisões de terras" - autora.

SUBURBANO

Sou Suburbano com Muito Orgulho



CAPA

"Essa colagem mostra vários mundos paralelos, onde a voz da mulher é invisível, e outra onde acontece um romântico beijo no universo, demonstrando que diversas ações ocorrem ao mesmo tempo, em espectros diferentes" - autora.

O Beijo

O BEIJO

invisível

DISCIPLINA DE PAISAGISMO

Prof. Carolina Guida Cardoso do Carmo



Alex Dias, Cristiano Vitturi, Pedro Bicudo, Thalita Gita, Pamela Oliveira, Caio Pereira

Adriane Magno,
Andreia Melo,
Barbara Guilherme,
Bruna Alegre,
Patricia Brasci e
Mário de Paula





Alexssandro Santos,
Ana Luiza Cypriano,
Bruno Bueno, Julia
Rodrigues, Rafael
Padovan, Thainá
Fredo



Amanda Testa,
Amanda Vicentin,
Mariana Souza,
Gabriella Rezende,
Jessica de Brito

OITAVO SEMESTRE 2018

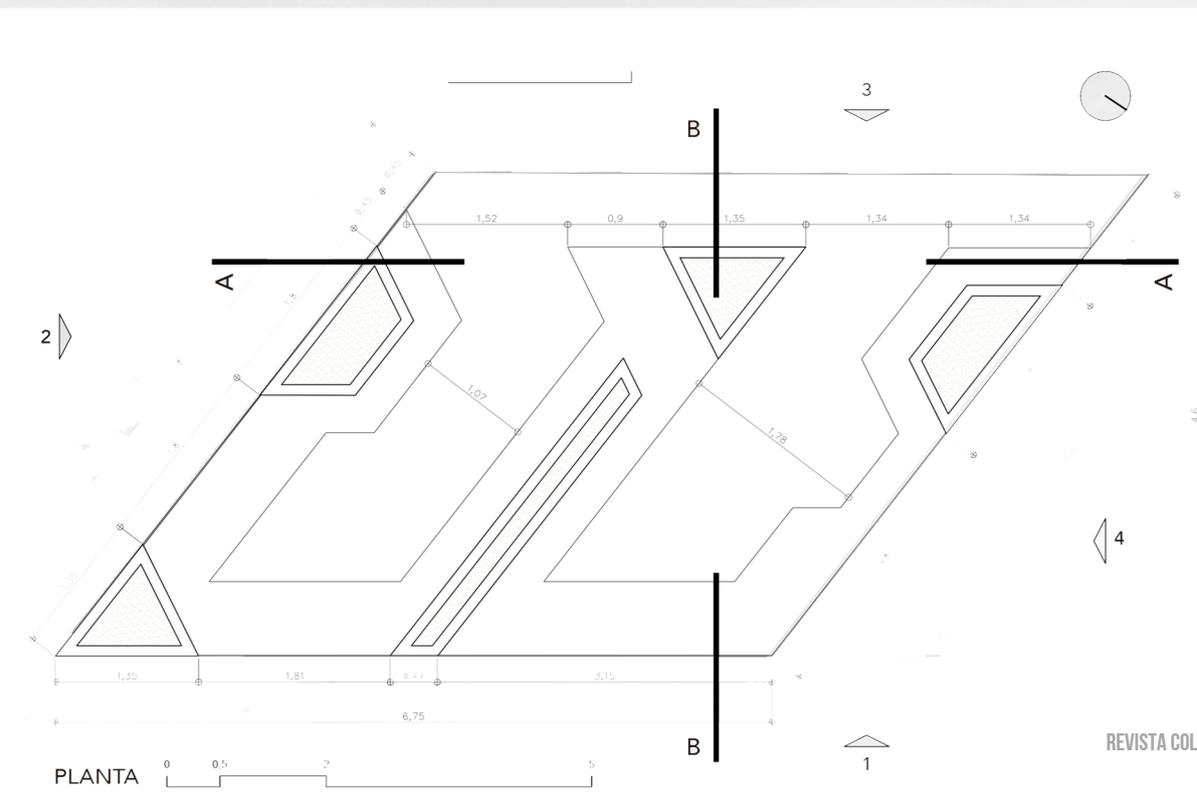
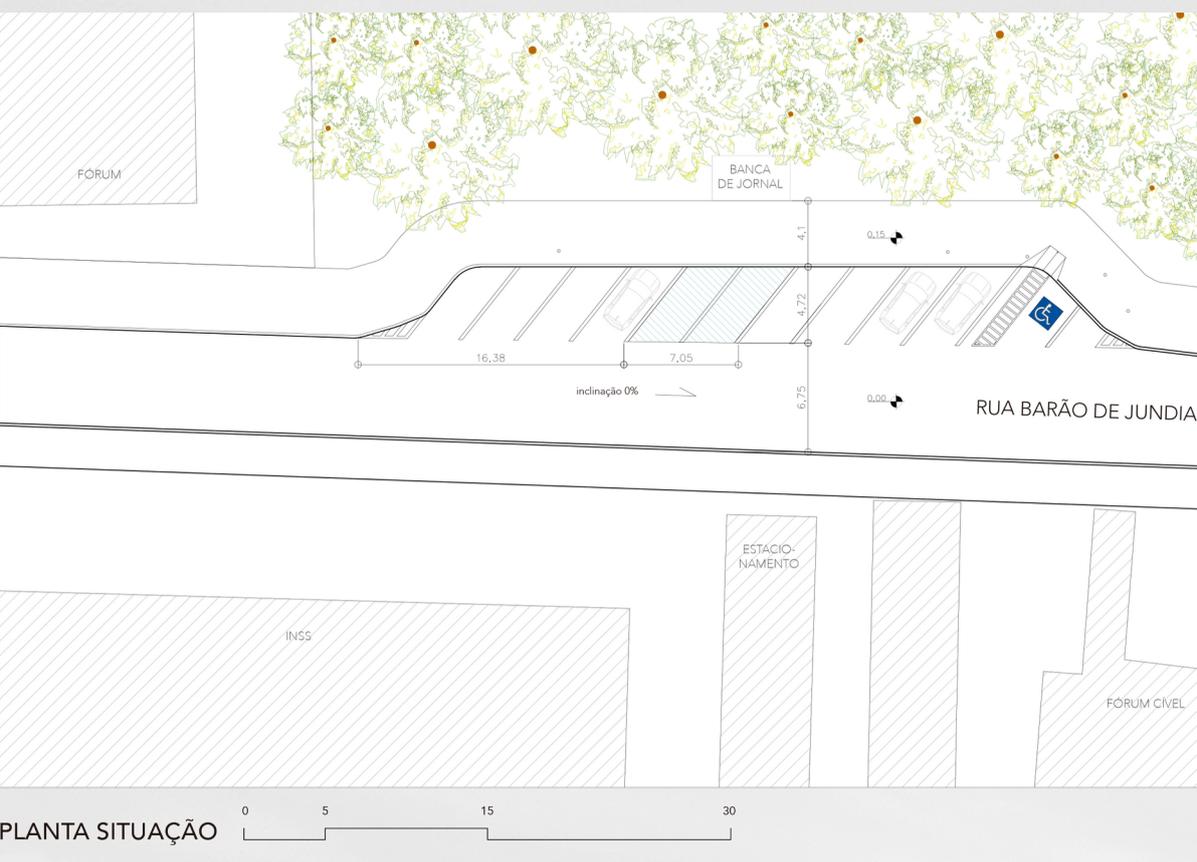
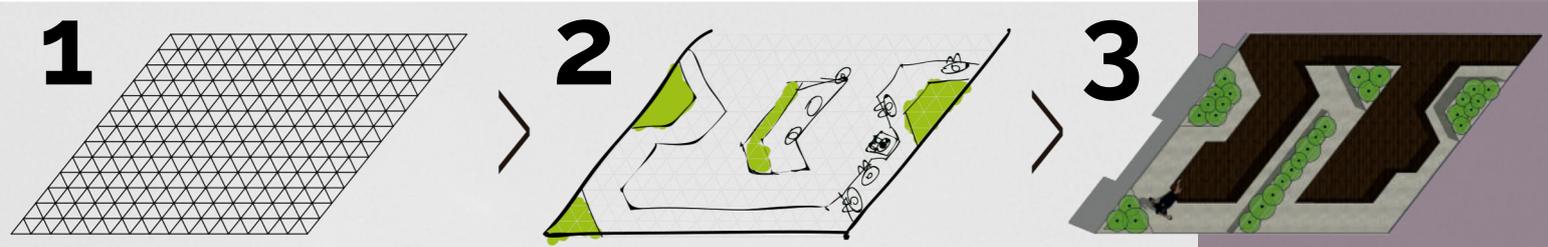


PROPOSTA DE PROJETO
POR MAYARA FRANCELIN GARCIA

Ocupando o espaço equivalente a apenas duas vagas para automóveis, o parklet projetado permite novas e diversas relações entre as pessoas que por ali passam, seja para apreciarem um tempo de descanso ou, ainda, para conversarem com seus amigos.



PARKLET SÃO BENTO



1

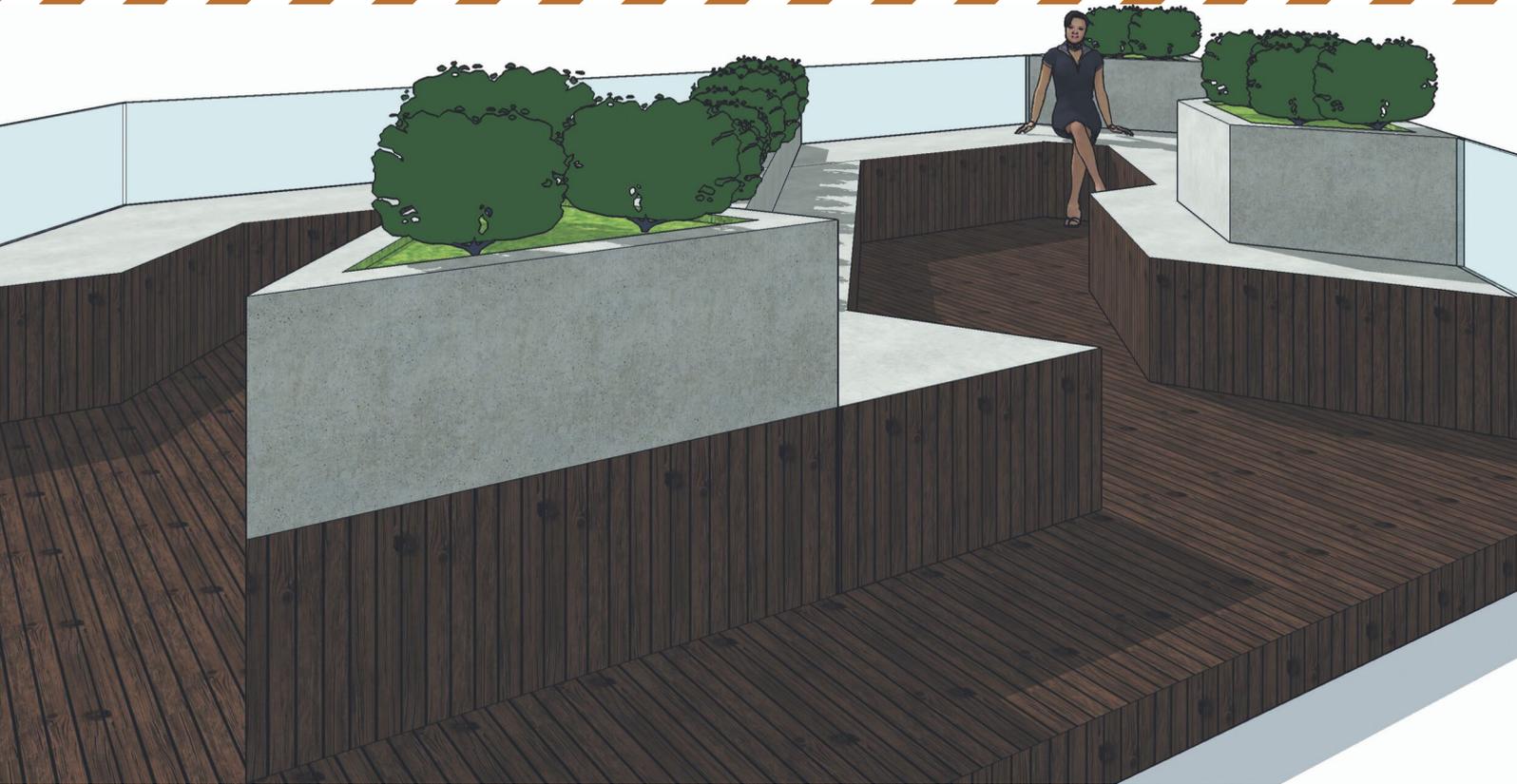
Definição de uma grade de trabalho para conceber os elementos do parklet. Optou-se pela grade triangular para permitir novas dinâmicas de ocupação. Esta grade racionaliza o processo de construção e instalação.

2

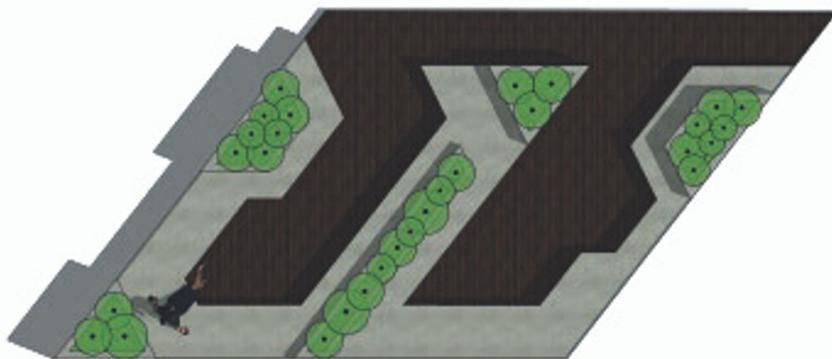
Croquis sobrepostos à malha gráfica estabelecido para início do projeto. Estudo das relações dos ocupantes e da implementação de áreas verdes. Esta etapa permite o desenho de novas e variadas relações.

3

Desenho do projeto em seus detalhes de forma e materiais utilizando a linguagem arquitetônica. Definição de tamanhos e meios construtivos. Estes desenhos técnicos permitem o entendimento do projeto.



Perspectiva



Mayara Francelin Garcia é estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta. O projeto foi desenvolvido na disciplina Urbanismo I, ministrada pelo docente Pedro Debiasi.





CENTRO MEIA LUA

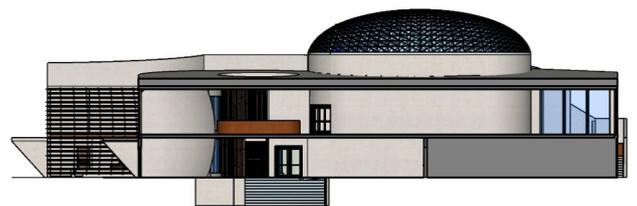
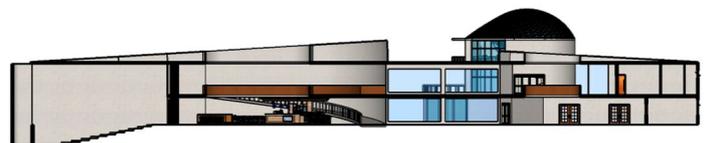
PROPOSTA DE PROJETO

**POR ALEX DIAS, CRISTIANO VITTURI, PEDRO BICUDO,
THALITA GITA, PAMELA OLIVEIRA E CAIO PEREIRA**



Perspectiva Externa

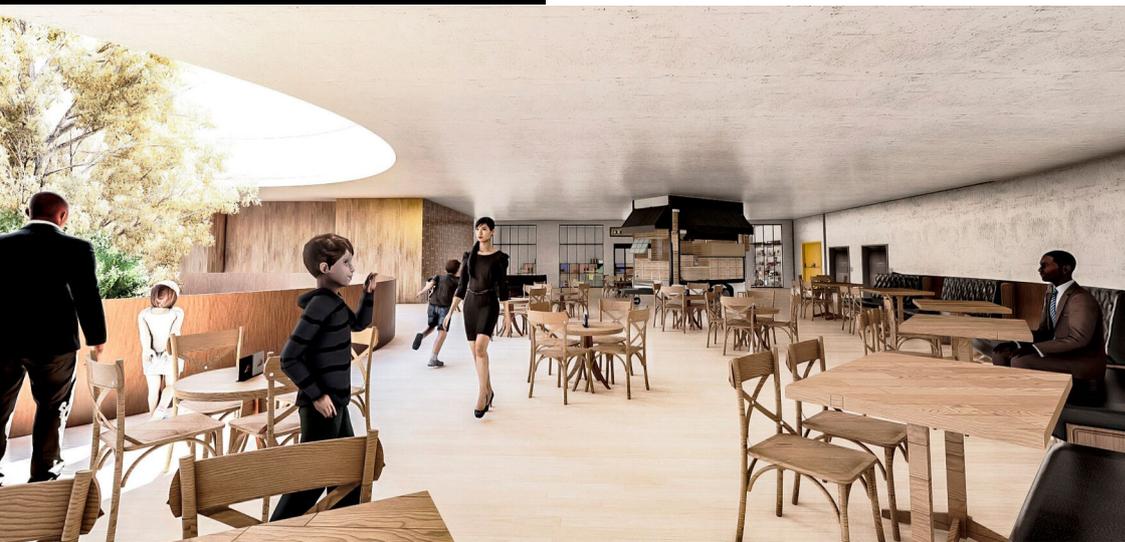
O projeto do Centro Tecnológico e Cultural Meia Lua foi pensado para ser inserido em um terreno entre as cidades de Jundiaí e Várzea Paulista. O projeto tem, como principal conceito, a conexão, já que a região onde o mesmo foi implantado apresenta uma total desconexão tanto cultural quanto econômica, em níveis da micro e da macro escala.



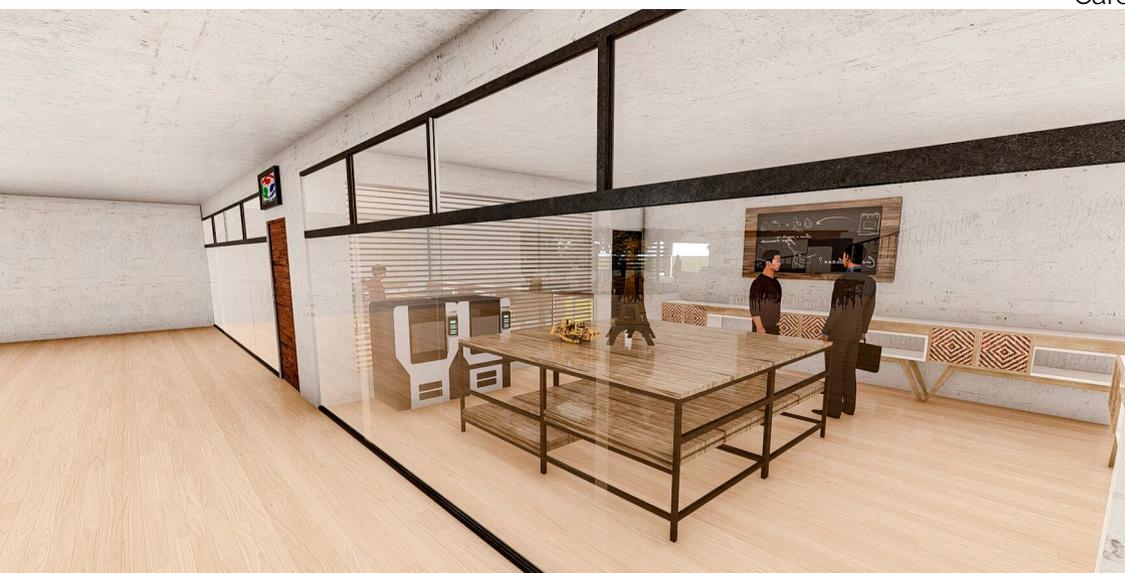
Cortes



Perspectiva



Café



FabLab

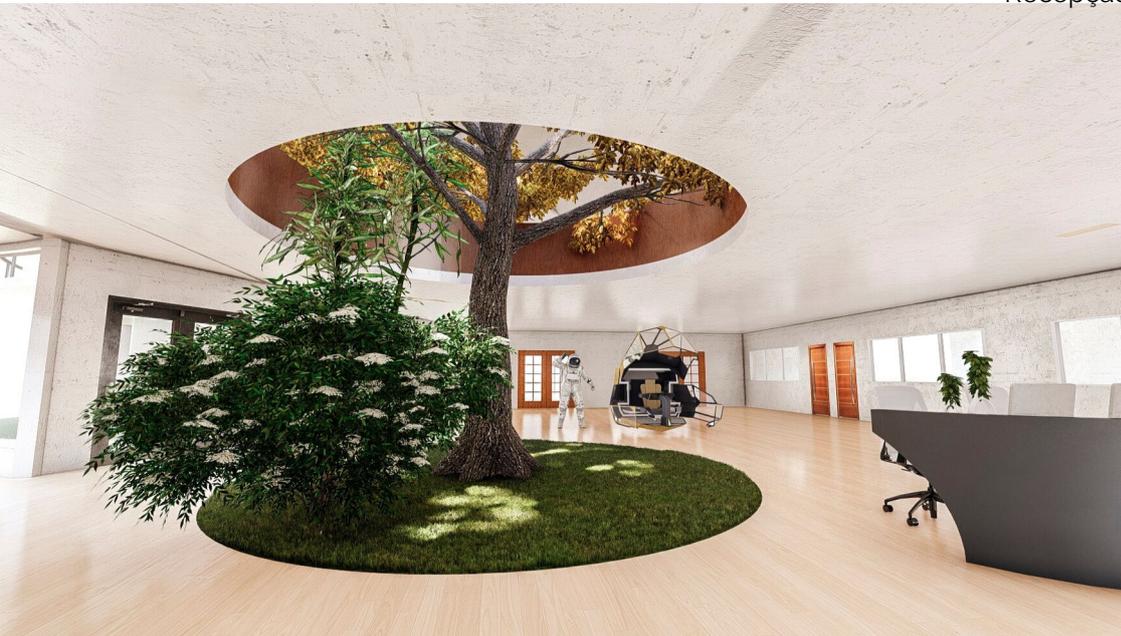


Brinquedoteca

O partido surge para conectar culturas e consequentemente, a economia, juntando cultura e ciência para trazer um ambiente que pode ser tanto interativo como educativo.



Recepção



Recepção



Área externa

No entorno do Centro há a proposta de um projeto paisagístico, onde visa ressaltar o caráter histórico das duas cidades e conectar todos os elementos presentes na praça e no entorno, conciliando um projeto contemporâneo em suas formas, rico em arborização e que desperte interesse na população.



Area externa



Área externa

Também a partir do levantamento e diagnóstico do entorno, foram pensados equipamentos, localizados ao redor do Centro e da praça que o circunda, que poderiam suprir algumas carências existentes na região, como uma Unidade de Saúde Básica, novos locais para comércio e restaurantes e calçamentos mais largos dotados de ciclovias.

Alex Dias, Cristiano Vitturi, Pedro Bicudo, Thalita Gita, Pamela Oliveira e Caio Pereira são estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta. O projeto foi desenvolvido nas disciplinas integradas de Projeto Complexidades, Urbanismo V, Paisagismo e Desenho do Objeto II, ministradas pelos docentes Carolina Guida Cardoso do Carmo, Carolina Maria Bergamini de Lima e Gabriel Ramos Teixeira.



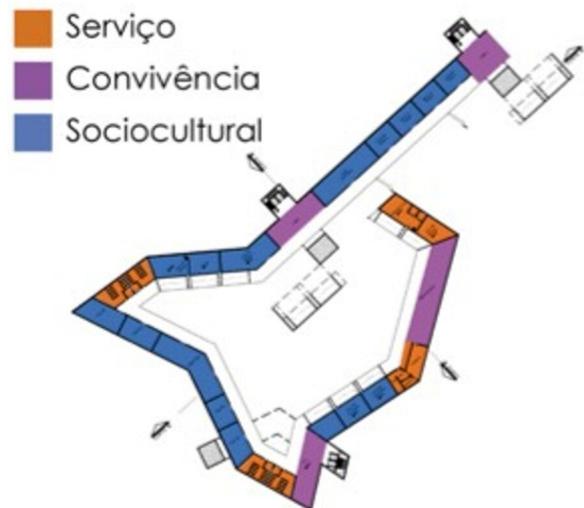
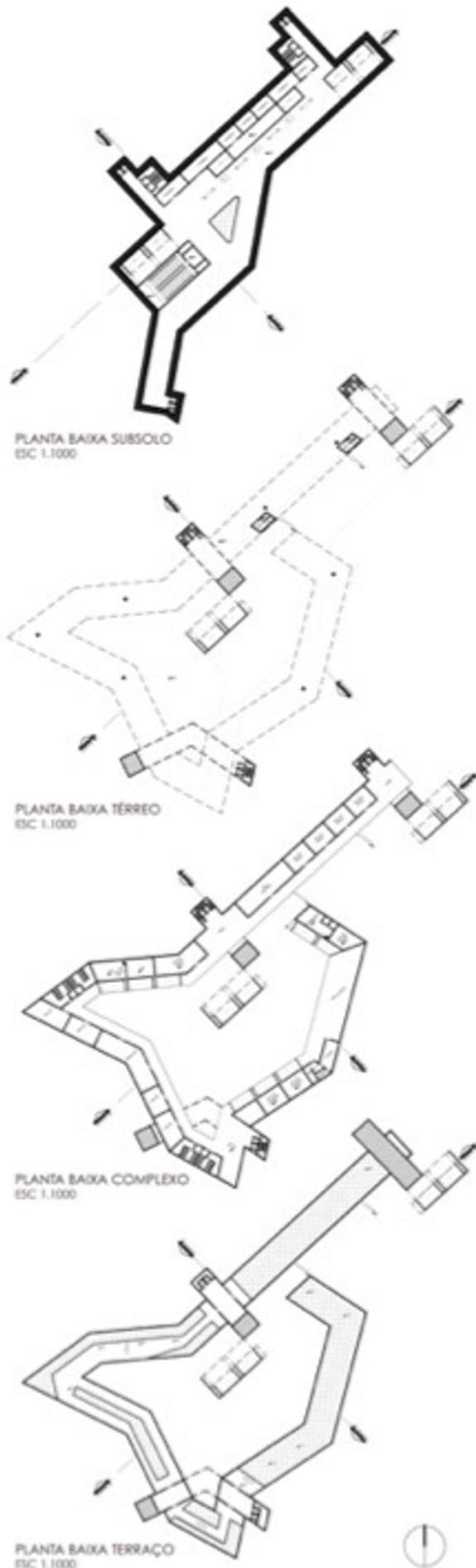
COMPLEXO CULTURAL GUINOS

PROPOSTA DE PROJETO
POR AMANDA TESTA, AMANDA
COSTA, FERNANDA VICENTIN,
GABRIELLA REZENDE, JÉSSICA
BRITO E MARIANA SOUZA

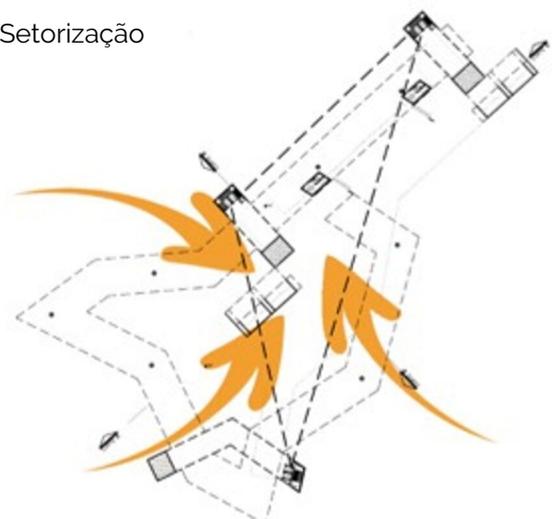
Perspectiva Externa



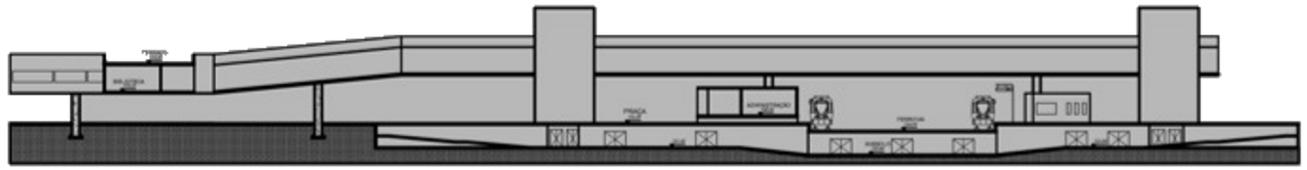
A proposta desenvolvida foi pensada a partir do desenvolvimento de um parque linear às margens da ferrovia entre Jundiaí e Várzea Paulista, com a inserção dialogada do complexo cultural Guinos. A proposta para o parque foi trazer um ambiente amplo para integração entre as duas cidades e os habitantes da região, apresentando conforto, bem-estar, segurança e lazer aos visitantes. A edificação do Complexo Cultural ultrapassa a barreira da ferrovia, para isso elevamos a edificação em níveis, com rampas pelo interior para circulação, até que atingisse altura suficiente para que integrasse com o outro lado do terreno.



Setorização



Fluxos previstos

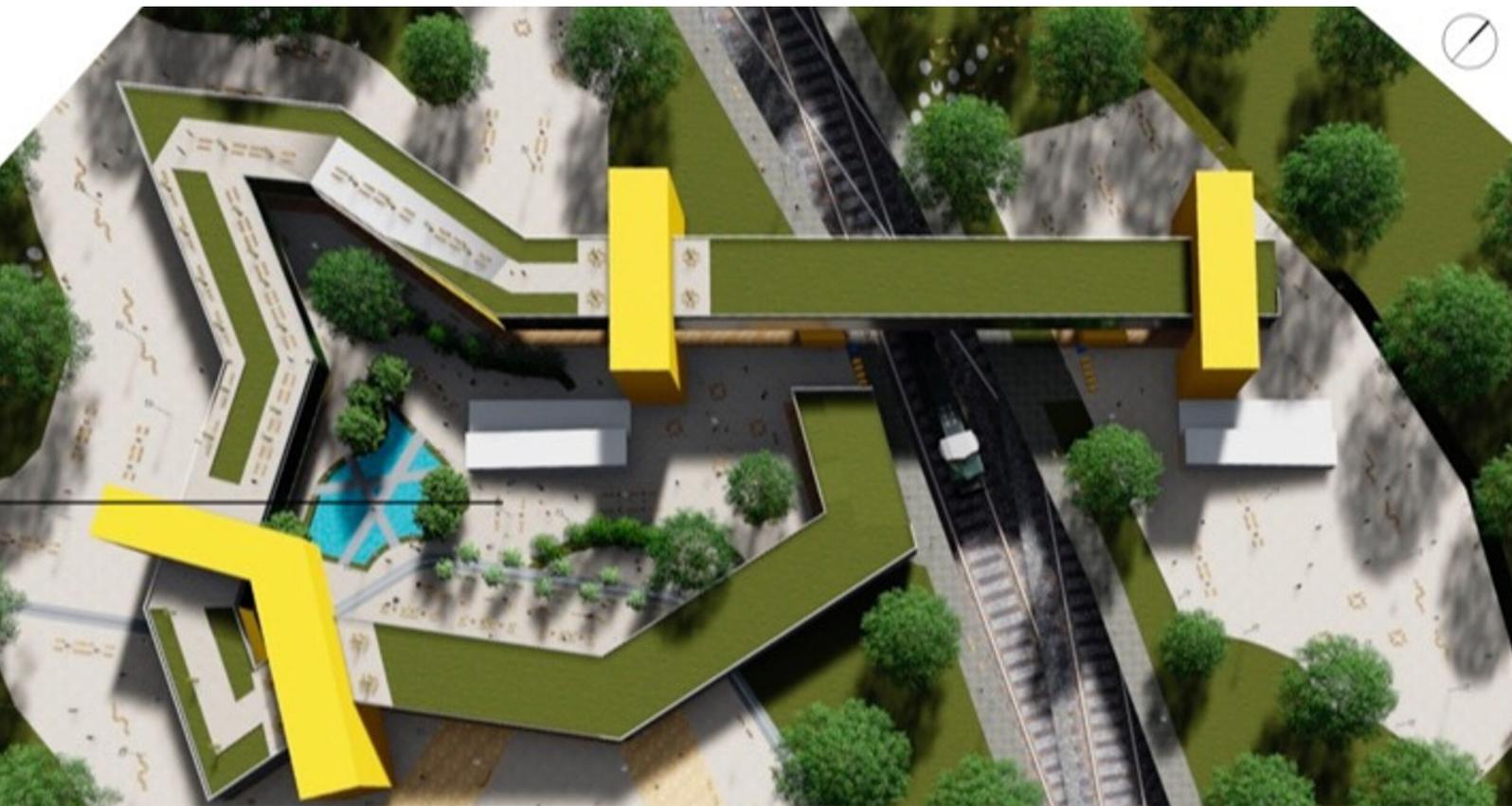


CORTE A-A
ESC 1.800



CORTE B-B
ESC 1.800

Perspectiva Externa



A forma da estrutura é trabalhada em diferentes ângulos e as fachadas possuem bastantes vidros, de forma que o interior possa integrar-se com o exterior possibilitando uma vista ampla de diferentes pontos do terreno. A forma de distribuição dos ambientes foi pensada para atender da melhor maneira os usuários. O fato de o edifício estar elevado faz com que o fluxo de pessoas venha de todos os lados, tendo acesso não somente à entrada principal do edifício como também aos acessos verticais, além disso ao centro a rampa leva para o subsolo, que integra todos os elevadores.

O miolo da estrutura possui o térreo com vão livre integrado a uma praça, destinada a diferentes usos, para que as pessoas a permaneçam no local e não seja usado apenas como circulação. Ao centro, localiza-se uma rampa que leva ao subsolo onde encontra-se um anfiteatro e comércios. Na praça central podem ser realizadas atividades e eventos ao ar livre, como exposições, apresentações, manifestações, feiras, entre outros.



Por fim, os mobiliários, desenvolvidos pensando na acessibilidade de todos, são responsáveis por possibilitar adequações de acordo com a demanda, funcionando de maneira modular..

Usos Externos



Amanda Testa, Amanda Costa, Fernanda Vicentin, Gabriella Rezende, Jéssica Brito e Mariana Souza são estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta. O projeto foi desenvolvido nas disciplinas integradas de Projeto Complexidades, Urbanismo V, Paisagismo e Desenho do Objeto II, ministradas pelos docentes Carolina Guida Cardoso do Carmo, Carolina Maria Bergamini de Lima e Gabriel Ramos Teixeira.

UM LUGAR QUE SE ANDA OLHANDO PARA O CHÃO

POR CAROLINA MARIA BERGAMINI DE LIMA



Fotos da Autora



Um lugar que se anda olhando para o chão, desviando de tudo que se pode encontrar por ele, para não sujar os sapatos, já maculados da sujeira comum da cidade, de matéria orgânica malcheirosa, que aparecem no caminho com certa constância.

Por vezes é o ar que captura essa maresia quando encontra o lixo acumulado, o rejeito espalhado, o esgoto que corre, se move pela correnteza em direção a e no córrego que tem a nascente e o trajeto sufocados. Em alguns lugares seu curso aparece, tímido, entre o asfalto, ressurgindo por debaixo dele, entre moradias, entre o vermelho do tijolo, o negro do asfalto, e quase nunca entre o verde de um mato.

Por todo o percurso da água é ouvido: atrás do muro, por debaixo das casas, e quando não mais suporta, emerge entre o concreto, a laje e o passeio, ainda preso, encardido, denso, mas água, suja, com potencial destruidor e tranquilizador. Olho para o chão para ter segurança onde piso, por onde piso, mas a insegurança não é apenas do chão, é do labirinto terroso, do amontoado de tijolos que parecem não ter fim.

O perfil da serra continua representado pelo perfil do amontoado de casas, a densidade que não distingue as privacidades, o lugar privativo, parece tudo coletivo, ou nada privado.

Não me lembro do caminho no emaranhado de casas, vielas, ruas, não vejo como alguém pode se lembrar de um caminho, tão sufocante, estreito e concentrado. As vidas se esgueiram pelas vielas, gato, cachorro, gente, ratos, crianças, gente. Transitam num trânsito caótico, insano, numa malha de vielas que se conectam e deixam ainda mais despercebido o limite entre o público e o privado, entre o meu e o seu, mas não o entre o dentro e o fora, pois essa diferença é sempre enfatizada pela parede densa, rompida apenas pela janela, pelo portão e a porta, do resto, quando se entra, se fecha, se encerra, não sei bem em que. Assim como me sinto encerrada dentro de uma bolha, que nesse momento de rompe, se abre, para me fazer perceber inserida em algo que jamais imaginei poder me inserir. Pois a energia flui para todos os lados, para o todo, para o inteiro, não há como segregar, como distinguir. Numa abordagem ecossistêmica estaríamos uns contribuindo para a condição dos outros sempre. Então já não é possível virar as páginas costas, ignorar, fingir a inexistência. As condições existem e me atingem assim como eu existo as atinjo. Estando tudo interligado, interconectado.



Fotos da Autora



O nó infinito é a figura que representa essa conectividade: tudo está interligado, significa também causa e efeito da união de compaixão e sabedoria.

“Conhecido também como nó do amor, o símbolo representa o entrelaçamento entre todos os seres e mostra como os seres humanos poderiam estar ligados por sentimentos amorosos. O nó infinito está relacionado ao coração de Buda e ao seu imenso amor pela humanidade. Cria condições propícias para uma vida plena e amorosa. Também favorece qualidades como a generosidade e a compaixão.” (<http://budismomundial.blogspot.com.br/2006/04/os-8-smbolostibetanos-da-boa-sorte.html>)



É um sentimento de impotência diante de tantas coisas por fazer. Grandes ações são necessárias, indispensáveis! Não dá para cortar investimento de áreas vulneráveis, de grande risco. Esse que é de morte. Sem ter onde morar, as pessoas ocuparam as margens e o curso de córregos e nascentes, protegidos por Lei Federal! mas esquecidos porque o setor imobiliário não pode tomar posse dali e portanto ninguém pressiona o poder público para remover as ocupações.

As ocupações que são de longa data e estabelecem uma identidade de lugar, que mantém a casa, a renda, o lugar. As tragédias estão anunciadas e em algum momento elas acontecerão. Mas os investimentos são cortados, federal, estadual e municipal, o tempo todo, porque pode-se cortar esses investimentos sem grandes alardes, simplesmente: o governo não tem dinheiro, corta o investimento direto. De lá, cortaram PAC (federal) para obras de mobilidade que deixariam a área menos ilhada

através de aberturas viárias; as exigências das contrapartidas das obras do Rodoanel (estadual) não estão sendo cumpridas (e ok!, quem se importa? não é na porta de condomínio de luxo que reverbera o som nem de onde se vê a mata devassada); cortaram o transporte das crianças (municipal), que por falta de vagas nas escolas locais teriam de estudar em outras localidades e os recursos da UBS local (municipal), porque a "Cidade Linda" fica há uma grande distância de 8km dali.

Em meio ao mar de moradia, não sobra sequer um local para novas obras institucionais, portanto creches, escolas, postos de saúde, praças, não podem ser construídas. A saída encontrada para aumentar vagas de creche foi a de alugar residências locais para abrigar as creches. O número de vagas cresceu, porém a qualidade dos abrigos infantis são.... no mínimo, duvidosas, pois nenhuma obra local possui, projeto, cálculo, estudo de conforto ou habite-se que seja.



Fotos da Autora



Foto da Autora

Com o objetivo de tornar as vidas mais dignas, em que as necessidades básicas e primárias, como morar, estudar, trabalhar, se locomover, ter lazer podem ter lugar sem um imenso sacrifício. O esclarecimento sobre os seus compromissos para com os seus denotam a imensa conectividade entre si. Por redes sociais, conversas nas ruas e reuniões do bairro se comunicam e conseguem atingir certa governança diante de tantas adversidades.

A luta para transformar o bairro em um lugar menos ilhado, menos vulnerável, menos violento, mais saudável e mais respirável é diária. Perdem-se diariamente crianças, jovens e adultos para o crime, para a doença, para o entorpecimento e a alienação. Mas luta-se, quer-se ser melhor! Estuda-se, ajudam-se. Numa integração e mobilização pouco vista entre outros vizinhos, entre meus vizinhos.

Ainda há o potencial risco de ações criminosas e violentas constante, diariamente! Potencial que deixa de o ser e ocorre, existe e cresce. É a maneira de sobreviver diante de tanta adversidade, as identidades perdidas que encontram a única forma de ter poder. Porque todo mundo quer poder, quer autonomia, quer atingir um status proposto como o ideal, o correto, o digno.

Talvez as condições dignas devam ser para todos, pelo menos na questão da saúde, da moradia, do lazer, da felicidade. Mas, nesse momento, isso não é real. O real é que existe uma parcela bastante considerável da população mundial que está em condições de risco, sem recursos para alterar essa condição. Os recursos faltam para tudo: escolas, postos de saúde, parques, praças, moradia, esgoto, água....ar. Ao mesmo tempo, nas lideranças o sentimento é de luta, de persistência e muita paciência. Tudo é vagoroso, demorado.



Foto da Autora

As histórias de vidas são contadas entre si, histórias diversas de idas à Universidade e ao Japão, de constante morada no bairro que se viu crescer e da imensa solidariedade ao prestar o serviço de vender a recarga do bilhete único (pois ganha-se quase nada por isso e a necessidade é grande, se não fosse assim, a distância seria enorme até o próximo posto autorizado pela prefeitura).

E pela cidade se espalham, se dispersam pelo trabalho, pois esse só existe fora do bairro, e daí concluo que milhares de

de pessoas se deslocam dali para trabalhar, estudar, ter lazer diariamente, num fluxo entre a cidade equipada, estruturada e o bairro denso, pobre. Talvez mais de uma centena de milhares. Por vias que no bairro são estreitas e vão se alargando e respirando conforme se aproximam das avenidas principais da cidade.

A necessidade é de ar, de respirar e seguir adiante, mas como? vivendo tanta distância, tanta injustiça, tanto querer, sentir, viver....?

Carolina Maria Bergamini de Lima é docente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta. Reflexão elaborada a partir de visita técnica à comunidade do Carumbé, na Brasilândia, em São Paulo. A visita foi promovida na disciplina "Paisagem e Cotidiano Urbano", em 2017, do programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

ANÁLISE DAS HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ/SP APÓS A EXTINÇÃO DO BANCO NACIONAL DE HABITAÇÃO (BNH)

POR JANAYNA PRISCILLA GUIMARÃES E PEDRO DEBIAZI

No Brasil e nos países em desenvolvimento, o planejamento urbano e as políticas públicas de ordenamento do solo geralmente estão voltados a atender interesses específicos do mercado imobiliário para as classes com maior poder aquisitivo, contribuindo para a consolidação de cenários urbanos segregados e desiguais. (DEBIAZI, 2016)

É por meio de políticas públicas que o Estado pretende proporcionar qualidade de vida e bem-estar da sociedade, alcançando resultados satisfatórios nas suas variadas áreas de atuação. Pensando no setor habitacional, estas políticas são instrumentos vistos como as ações, as metas e os planos traçados pelo poder público para atender às demandas de uma determinada parcela da população.

Esta iniciação científica é fruto do interesse e da reflexão do autor sobre a produção de moradias populares, sobre a política habitacional brasileira e pela procura de cidades mais justas e sustentáveis, área de grande interesse na comunidade nacional e internacional.

Como principal objetivo, esta pesquisa pretende analisar a produção de Habitações de Interesse Social na cidade de Jundiaí, após a extinção do Banco Nacional de Habitação. Para atender ao objetivo geral, como objetivos específicos, pretende-se:

□ Fazer levantamento quantitativo das habitações sociais produzidas no período delimitado (1986 – 2017);

Esse trabalho foi publicado originalmente em: GUIMARÃES, J. P. V., DEBIAZI, P. R. Análise das habitações de interesse social no município de Jundiaí/SP após a extinção do Banco Nacional de Habitação (BNH). In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 17., 2018, Foz do Iguaçu. Anais... Porto Alegre:

- Realizar o mapeamento cronológico dessas produções habitacionais;
- Mapear os conjuntos habitacionais segundo as diferentes faixas de financiamento do PMCMV, destacando os empreendimentos Faixa1 (destinados às famílias com renda mensal até três (03) salários mínimos);
- Descrever os agentes envolvidos nos processos de produção, financiamento e entrega das habitações;
- Comparar e analisar as habitações construídas após a extinção do BNH (1986 – 2009) com as produções realizadas dentro do Programa Minha Casa Minha Vida (2009 – 2017);
- Situar o município de Jundiaí no cenário brasileiro, sob o aspecto das produções de HIS.

De caráter exploratório, a pesquisa é baseada na revisão bibliográfica em documentos, periódicos e livros da literatura básica do tema e no levantamento e interpretação de dados, visando o mapeamento dos diversos programas de Habitação de Interesse Social (HIS) na cidade de Jundiaí, pós-extinção do BNH, estabelecendo comparação entre os anos anteriores ao surgimento do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) e os anos seguintes à implantação do PMCMV.

A identificação e a elaboração de mapas temáticos, dos diversos aspectos analisados nos conjuntos habitacionais, é feita com o programa computacional Quantum GIS – QGIS, um software livre multiplataforma de Sistema de Informações Geográficas.

A fundamentação teórica, que proporciona o amadurecimento de ideias e a ampliação do conhecimento bibliográfico na área de estudo, é desenvolvida durante todos os meses da iniciação científica, que tem previsão de término no mês de julho de 2018. Essa etapa visa compreender o desenvolvimento das políticas habitacionais e a produção acadêmica sobre o tema, ao longo das últimas décadas, construindo base sólida para a análise proposta neste projeto. Por meio do conhecimento científico da realidade social brasileira, segundo MARICATO (2010), propostas adequadas e específicas podem ser melhor conduzidas.

Para melhor compreender o atual cenário da HIS no município de Jundiá, é necessário que se faça também a análise do tema no contexto nacional, partindo do pressuposto de que desde o surgimento das políticas de bem-estar social no país, as primeiras moradias destinadas às classes de menor renda surgiram por meio de programas governamentais, que vão elucidar a própria história da habitação social brasileira.

Para isto, foi traçada de forma abrangente, as principais ações que já foram desenvolvidas pelo estado brasileiro, com a intenção de compreender as propostas e posturas atuais sobre as questões da moradia popular, para situar e entender a implantação do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), o percurso das cidades e os impactos causados no espaço urbano, e que serão apresentadas na sequência.

HABITAÇÃO SOCIAL NO BRASIL

A urbanização brasileira é um fenômeno que ocorre desde a época colonial e teve seu crescimento intensificado a partir do século XIX com o início da industrialização e o fim do regime escravocrata. Por trás desse crescente desenvolvimento, havia um grande fluxo migratório do campo para as cidades brasileiras, inclusive do campo europeu com o início dos movimentos imigratórios do início do século XX. Tal cenário, estabeleceu uma relação de dependência mais forte com o capitalismo ao sair de um sistema agrário para um urbano-industrial.

Com o crescimento industrial veio também a exploração da classe trabalhadora. As indústrias construíam vilas operárias e depois passavam a cobrar os custos de moradia, que sem condições, buscaram alternativas nas regiões mais periféricas das cidades. A crescente procura por habitação beneficiou a especulação imobiliária e fez aumentar o valor das moradias e o preço do solo, o que contribuiu para a formação de favelas e loteamentos irregulares e o fortalecimento da segregação socioespacial.

No início do século XX, ocorre uma das reformas mais marcantes, do prefeito Pereira Passos, no Rio de Janeiro. Com a proposta de dar novos usos aos espaços urbanos centrais e da zona portuária, a Reforma Pereira Passos foi a grande responsável pelo surgimento das favelas cariocas. Em nome da beleza e da higiene, a Reforma pretendia impor uma nova imagem: de centro urbano moderno. Ao expulsar os moradores de suas casas, os trabalhadores foram morar nos morros para continuar próximos aos locais de trabalho.

Foi somente após a revolução de 1930, que no Brasil, a habitação começou a ser vista como questão social e de Estado, com a regulamentação dos Institutos e das Caixas de Aposentadoria e Pensões (IAPs e CAPs) e a partir de 1946, por um órgão específico, a Fundação da Casa Popular, primeira entidade estatal voltada para a produção de moradias populares. Como as CAPs e os IAPs geralmente agiam de forma segmentada, a construção de casas populares (BONDUKI, 2014) era uma atividade secundária, favorecendo um número reduzido de seus membros. (AZEVEDO, 1988)

Em 1942, Getúlio Vargas decreta a Lei do Inquilinato, congelando os aluguéis e favorecendo a compra do lote próprio. Com o lema "transformar cada trabalhador num proprietário, e cada proprietário num trabalhador", esse período fica caracterizado como um momento de transição do aluguel para a casa própria. (FERREIRA, 2014)

Com a carência e crise de moradia causada pela urbanização quase desenfreada, muitas vezes desordenada e pela forte desigualdade social, em 1964 foram instituídos o Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e o Banco Nacional de Habitação (BNH). Um dos objetivos do SFH era proporcionar a aquisição da casa própria, especialmente para população de baixa renda. Em 1965, o governo federal cria as Companhias de Habitação (COHAB), uma empresa mista responsável pela implementação das políticas habitacionais estaduais.

A crise inflacionária e a instabilidade econômica que assolou o país nos anos 1980, a inadimplência dos financiamentos habitacionais e escassez de subsídios foram alguns dos motivos para a extinção do BNH em 1986. A importância da produção habitacional pelo BNH foi significativa mas não supriu a demanda da população mais pobre. Boa parte dos recursos eram destinados para classe média beneficiando a construção civil, o que impulsionou o surgimento das moradias informais, pois a urbanização continuou crescendo e uma parcela da população sem amparo considerável do Estado buscou soluções alternativas para suas necessidades.

Em 2003, com a criação do Ministério das Cidades e do Conselho das Cidades, foi estabelecida uma nova estrutura organizacional para a política habitacional, onde o cidadão fazia parte de um modelo democrático de desenvolvimento urbano. Vale salientar, como marcos importantes, o surgimento de uma nova Política Nacional de Habitação, em 2004, e a criação do Plano Nacional de Habitação, em 2008.

Na busca do equacionamento da desigualdade social e da redução do déficit habitacional, em 2009, o governo federal lança o Programa Minha Casa Minha Vida, para o financiamento de moradia digna a classe de renda mais baixa, conforme as diretrizes da Política Nacional de Habitação. Pela sua relevância e abrangência, o PMCMV, é objeto central de estudo desta pesquisa.

Habitação de interesse social em Jundiá

Fez-se necessário conhecer os dados econômicos, políticos e sociais do município, bem como compreender o panorama das Habitações de Interesse Social (HIS) no Brasil e seu contexto histórico, para em seguida analisá-las no município de estudo.

Atualmente, a fundamentação teórica está centralizada nesta análise. Posteriormente, será desenvolvido um capítulo sobre esse assunto e junto ao levantamento de dados dos empreendimentos já realizados na cidade e seus diagnósticos, será realizada uma análise para reconhecer e contextualizar, cronologicamente, o atual cenário das HIS em Jundiá e as influências sofridas pelos diferentes programas habitacionais implantados no município.

CONCLUSÃO

De acordo com MARICATO (2009), a produção acadêmica ligada às HIS vem contribuindo para o entendimento da precária situação habitacional brasileira. Da mesma forma, essa produção ajuda a compreender a incapacidade do poder público em suprir as necessidades de moradia da população mais pobre e fornece ampla visão sobre a segregação espacial, a desigualdade social e as políticas habitacionais no Brasil.

Temos como resultados preliminares, a contextualização histórica e a exposição, em dados, da atual conjuntura das Habitações de Interesse Social no Brasil.

Foi realizado levantamento de informações sobre o município de Jundiá, seu contexto político, administrativo, geográfico e social.

Com os dados coletados, foi elaborada uma planilha (Figura 1) com as informações significativas para a presente pesquisa. E, atualmente, esses dados estão sendo processados no software livre de Sistema de Informações Geográficas – QGIS, para posterior elaboração de mapas temáticos.

A seguir, referências sobre a organização dos dados levantados:



Figura 1 – Dados sobre os empreendimentos imobiliários em Jundiá

id	NOME	TIPO	UNIDADES	ANO INICIO	ANO TERM	AGENTE	RENDA	ORIGEM	TIPO DE AÇÃO
1	JARDIM NOVA CONQUISTA	1	119	1997	2005	1	6	VL RUI BARBOSA	
2	VILA NOVA REPUBLICA	3	219	1991	1999	1	3	VL RUI BARBOSA	1
3	VILA PALMA	1	40	1998	2004	1	6	VL PALMA	2
4	FAZENDA GRANDE	1	2641	1998	2009	2	6	DEMANDA GERAL	
5	QUADRA AA - FAZENDA GRANDE	1	12	2004	2004	3	3	DEMANDA GERAL	
6	CONDOMÍNIO DOS IDOSOS	1	22	2004	2008	3	2	DEMANDA GERAL	
7	RESIDENCIAL CRAVOS I	1	364		2012	4	5		
8	RESIDENCIAL CRAVOS II	1	135		2012	4	5		
9	CJ HAB DOM GABRIEL PAULINO BUENO COUTO	1	65	1980	1982	3	3	VL MARINGÁ	1
10	PRG HABITAR NO BARRIO - JD TAMOIO, PQ GUARANÁ, VL HORTOLÂNDIA	1	8	1995	1995	3	5	DEMANDA GERAL	
11	RUA FRATERNIDADE	1	11	1994	2004	1	3	VILA ANA 1a etapa	1
12	JD VITÓRIA DA CONQUISTA (JD ANHANGUERA)	1	70	1994	2004	1	7	VILA ANA 2a etapa	1
13	VILA PEDRA BELA	1	18	1994	1996	3	5	VL MARINGÁ	1
14	PQ RESIDENCIAL DAS FLORES I e II	1	32	1996	2005	3	3	VL NOVA JUNDIAÍ/VL COMERCIAL	2
15	VILA PADRE RENATO	1	52	2001	2002	3	6	VL PADRE RENATO	
16	JARDIM FEPASA	1	251	1997	2000	5	3	JD FEPASA	1
17	JARDIM FEPASA	1	118	1997	2000	5	3	FEPASA (melhorias)	3
18	VILA ESPERANÇA	1	102	1997	2000	6	5	VL ESPERANÇA (1a etapa)	2
19	CONJ HAB BENEDITO AMARO DA SILVA	2	60	2003	2008	7	3	VL ESPERANÇA (2a etapa) e VL ANA (3a etapa)	1
20	CONJ RESID MARIA DOS ANJOS OLIVEIRA FERAZ	1	97	1997	2001	6	3	VL MARINGÁ	1
21	PARQUE DA MATA e PARQUE DA SERRA	2	590	2007	2008	8	8	DEMANDA GERAL	
22	VILA ANA	2	36	2010	2011	9	4	VL ANA (4a etapa)	1
23	PARQUE CENTENÁRIO	1	33		2009	9	3	PQ CENTENÁRIO	
24	RESIDENCIAL VIDEIRAS	2	352	2011	2011	4	3	DEMANDA GERAL e JD S. CAMILO	
25	VILA ANA 2a fase obra	2	144	2009	2011	9	4	VL ANA	1
26	CONJ HAB VISTA ALEGRE	1	368	2003	2008	7	3	JD SOROCABANA, JD SHANGAI, PQ CENT. OF VIDEIRAS, VL COM. VL. R. BARBOSA, HOSP PQ, BALSAM, SIX PARANÁ e DEFESA CIVIL	1
27	CONJ HAB JOÃO MEZZALIRA JÚNIOR	1	735	2003	2006	7	5	DEMANDA GERAL e JD SOROCABANA	1
28	JARDIM SALES	1	104	1986	1988	7	3	SANTOS DUMONT	1
29	MORADA DAS VINHAS	2	2656	1988	1996	7	6	DEMANDA GERAL	
30	CONJ HAB VILA CIDADANIA (1a fase)	1	113	1991	2007	7	5	ASS DOS SEM CASA DE JUNDIAÍ	
31	CJ HAB VILA CIDADANIA (2a fase - Vl Rui Barbosa)	2	56	2009	2012	7	5	ASS DOS SEM CASA DE JUNDIAÍ	
32	VILA DIGNIDADE	1	16		2014	7		CADASTRO DE IDOSOS (SEMAIS)	
33	RESIDENCIAL TUPY I, II e III	2	600	2011	2012	10	9	ANT HOSP PSQUIÁTRICO, IL DO PARANÁ e JD TAMOIO	1
34	PARQUE RESIDENCIAL JUNDIAÍ II	1	165	2008	2012	10	8	CADASTRO FUMAS (SIMH)	
35	INOCOOP - JARDIM TULIPAS	1	288	2009	2009	10	8	CADASTRO FUMAS (SIMH)	
36	CONJ HAB ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA VILA RUI BARBOSA	1	119	2008				VILA RUI BARBOSA	
37	FLORES DO PARAÍSO	3	13	2011		10	8	CADASTRO FUMAS (SIMH)	
38	BELLA COLÔNIA	2	8	2011	2012	10	8	CADASTRO FUMAS (SIMH)	
39	SANTA GEOVANNA	2	314	2012		10	8	CADASTRO FUMAS (SIMH)	
40	RESIDENCIAL GENOVA E ROMA	2	400	2016	2016			JARDIM SÃO CAMILO	1
41	RESIDENCIAL NOVO HORIZONTE	2	626	2014	2016	4	9	JD NOVO HORIZONTE	1

Fonte: O autor

Figura 2 – Tipos de habitação

	TIPO
1	Casas
2	Aptos
3	Lotes

Figura 3 – Renda

	RENDA
1	até 1 s.m.
2	até 2 s.m.
3	até 3 s.m.
4	até 4 s.m.
5	até 5 s.m.
6	até 10 s.m.
7	de 1 a 5 s.m.
8	de 3 a 10 s.m.
9	até R\$ 1.600,00

Figura 4 – Agentes/recursos

	AGENTE
1	PMJ (FUMAS) + associação de moradores
2	FUMAS + CAIXA Programa Imóvel na Planta
3	FUMAS
4	FUMAS + CAIXA PMCMV
5	FUMAS + PROGRAMA HABITAR BRASIL
6	FUMAS + PRÓ-MORADIA
7	FUMAS + CDHU
8	CAIXA + PAR (Prog de Arrendamento Residencial)
9	FUMAS + FNHIS
10	SETOR PRIVADO com recursos do PMCMV + FUMAS

Figura 5 – Tipo de ação urbana

	TIPO DE AÇÃO
1	Reassentamento
2	Remanejamento (recolocação)
3	urbanização simples

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sérgio. Vinte e dois anos de política de habitação popular (1964-1986): criação, trajetória e extinção do BNH. Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro, vol.22, no4, out-dez 1988.

BONDUKI, Nabil. Os pioneiros da habitação social no Brasil: volume 1. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp: Editora Sesc, 2014.

DEBIAZI, Pedro Renan. Mapeamento do ambiente térmico e suas relações com os parâmetros do entorno urbano. Dissertação de mestrado. UFSCar, 2016.

FERREIRA, Regina Fátima Cordeiro Fonseca. Autogestão e habitação: entre a utopia e o mercado. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2014.

MARICATO, Ermínia. Por um novo enfoque teórico na pesquisa sobre habitação. Cadernos Metrópole. São Paulo, n. 21, pp. 33-52, 1o sem 2009..

MARICATO, Ermínia. O Estatuto da Cidade Periférica. In: ROSSBACH, A.; CARVALHO, C.S. (Org.). O Estatuto da cidade: comentado. São Paulo: Ministério das Cidades: Aliança das Cidades, 2010. pp. 05-22.

Pedro Debiazi é docente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro
Universitário Padre Anchieta.

Janayna Priscilla Guimarães é estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo
do Centro Universitário Padre Anchieta.

Artigo elaborado a partir da Iniciação Científica da aluna (sob supervisão do
referido docente), em vigência durante os anos 2017 e 2018.



CORES NO AMBIENTE

POR AMANDA FERREIRA PELLICIARI E ANELISE PRADO

Diversos estudos sobre cores demonstram que elas exercem fortes influências físicas, biológicas, psicológicas, positivas ou negativas, sobre nós. O uso de cores nos ambientes precisa ser harmônico e atender as exigências do projeto no que diz respeito a sensação desejada, atividade a ser exercida, preferências do cliente, etc. Por isso, com medo de errar, na maioria das vezes adota-se uma paleta de cores pastéis que podem deixar o ambiente monótono e sem vida.

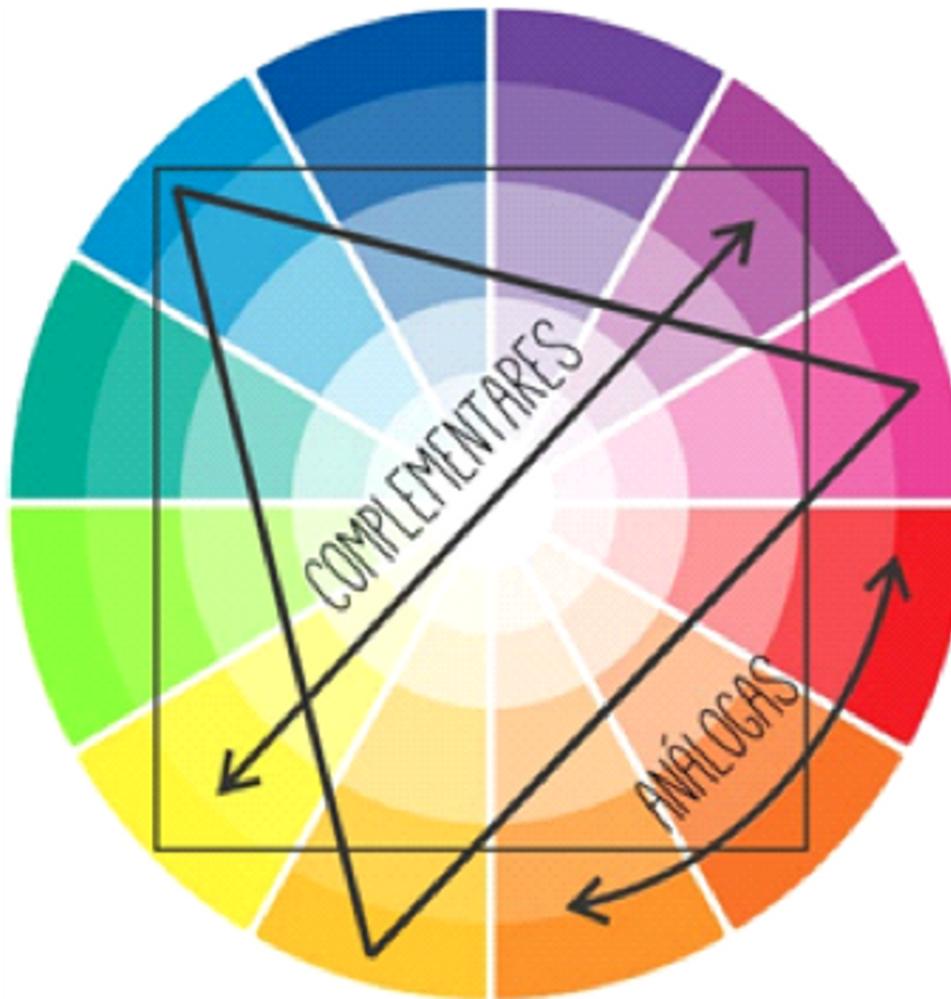
Nós, profissionais, e estudantes de Arquitetura e Design de Interiores, analisamos as cores sob vários aspectos como harmonia cromática, composição das cores, psicologia das cores, de modo a explorar suas sensações e efeitos da melhor maneira possível. Mas para muitos, dúvidas como “qual cor de parede combina com o sofá?” ou “não consigo combinar cores no meu ambiente” são constantes e por isso vamos apresentar algumas dicas de como usá-las sem medo e deixar os ambientes mais alegres e aconchegantes.

Mas antes de qualquer coisa: o que é cor?

Antes de falarmos sobre combinação de cores é preciso entender o que é cor. Segundo definição do dicionário Aurélio: “Cor é a aparência dos corpos, segundo o modo por que reflete ou absorvem a luz”.^[1]

Em outras palavras, quando um fecho de luz branca é jogado num prisma de cristal, ele forma uma variedade de cores puras, que podemos observar em um arco-íris, por exemplo. As cores dos objetos, das pessoas, das paisagens são reflexo desta luz. Isaac Newton, no século XVIII, criou uma maneira de representar e organizar essas cores através de um círculo cromático.

[1] Dicionário Aurélio Online: <https://www.dicio.com.br/cor/>. Acesso em 07/05/2019.



Círculo das cores e harmonias cromáticas
fonte: <http://keilamoura.com.br/site/coordenacao-de-cores-aprendendo-a-usar/>. Acesso em 09/06/2014

Círculo Cromático

O círculo cromático é composto pelas cores primárias, secundárias e terciárias: azul, amarelo, vermelho, verde, laranja, roxo, azul esverdeado, azul violeta, amarelo esverdeado, amarelo alaranjado, vermelho alaranjado e vermelho violeta. As variações de tonalidades também fazem parte do círculo, e o branco, o preto e a cinza considerados como cores neutras, por isso são consideradas como curingas, servindo como base para todas as outras composições.

Harmonia Cromática

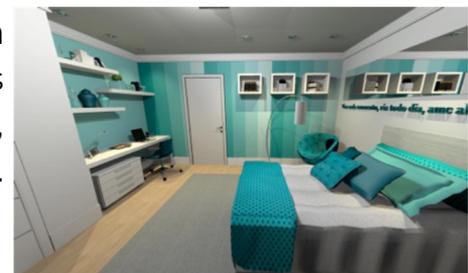
Depois de compreender a composição do círculo, é preciso entender como aplicá-lo. Podemos definir algumas maneiras de combinar as cores através da posição que ocupam no círculo, como:

- **Monocromáticas:** Conhecida como "ton sur ton" ou tom sobre tom, podemos adotar uma cor de base, por exemplo marrom, e aplicá-la em todo o ambiente.



Projeto: Anelise Prado

- **Análogos:** são as cores que têm uma cor base em comum e não há contraste, ou ainda são aquelas que estão vizinhas no círculo das cores. Ex.: azul claro, azul ciano, turquesa, verde água.



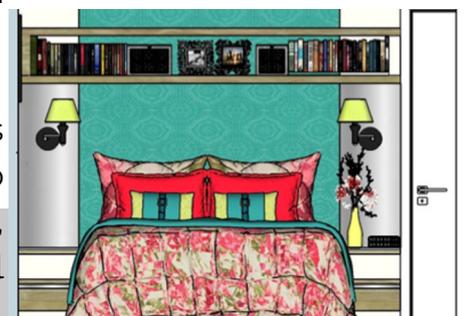
Projeto: Amanda Pelliciar

- **Complementares ou dissonante:** são aquelas que estão diametralmente opostas no disco de cores. Em tonalidades escuras ou intensas, são usadas para dar força na composição cromática pois o uso de cores complementares proporciona um grau máximo de contraste bem como equilíbrio entre calor e frio. Também podem ser usadas em tonalidades mais claras produzindo uma harmonia menos contrastante, porém equilibrada e harmônica. Ex.: azul e laranja; vermelho e verde; roxo e amarelo.



Projeto: Amanda Pelliciar

- **Assonante:** ou harmonia a 60°, é quando adotamos três cores no círculo, distantes 60° uma das outras, formando um triângulo equilátero. Escolhemos uma cor do círculo, pulamos três e escolhemos a próxima. Ex.: amarelo, azul claro e pink.



Projeto: Amanda Pelliciar

- **Dissonante dupla:** ou harmonia a 180°, é quando adotamos quatro cores no círculo, formando um quadrado. Escolhemos uma cor do círculo, pulamos duas e escolhemos a próxima. Ex.: azul claro, violeta, laranja e amarelo.



Projeto: Amanda Pelliciar

Agora que sabemos aplicar os conceitos do círculo cromático fica mais fácil combinar as cores dentro dos ambientes, com mais alguns cuidados:

Não exagere nos tons fortes

O uso de cores muito fortes pode tornar o ambiente pesado e provocar a sensação de diminuição do espaço. Caso queira usar cores fortes e contrastantes procure aplicá-las em detalhes e adotar como base cores neutras.



Projeto: Amanda Pelliciar e Anelise Prado

Elementos de destaque

Podemos usar as cores para destacar alguns pontos ou elementos do projeto. Abuse dos materiais diferentes para produzir uma variedade de cores mas sem ofuscar aquilo que se deseja destacar.



Projeto: Amanda Pelliciar e Anelise Prado

Monocromático pode ser monótono

Quando adotamos uma cor de referência devemos ter o cuidado de trabalhar com as variações de tonalidades, texturas, estampas etc., para que o ambiente não fique monótono ou carregado demais.

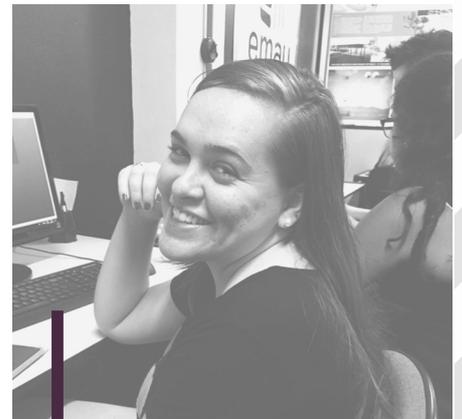
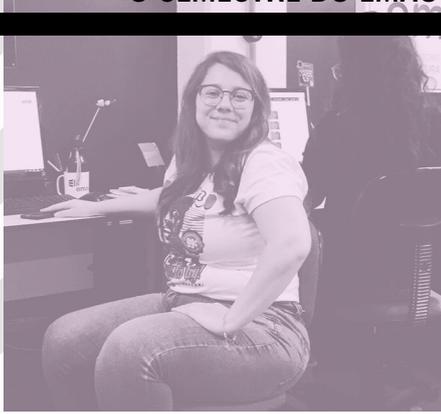
Para quebrar a monotonia, pode-se adotar outras cores através de materiais como um piso de madeira ou tijolo aparente ou pequenos detalhes em cores contrastantes em objetos de decoração e peças que podem ser facilmente substituídos.



Projeto: Amanda Pelliciar

Amanda Ferreira Pelliciar docente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta.

Anelise Prado é arquiteta urbanista e designer de interiores.



ABRIL

- Palestra Arquitetura Escolar
- Visita Técnica FAU-USP
- Filme ERA O HOTEL CAMBRIDGE

MAIO

- Palestra Escrita Científica e ABNT
- Workshop Diagramação de Pranchas

JUNHO

- Visita Técnica Casa de Vidro da Lina Bo Bardi



GRUPO
ANCHIETA


ema